

# Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 24/08/2015 a 28/08/2015



TÍTULO DO TRABALHO			
TRABALHO E FORMAÇÃO HUMANA EM LUKÁCS			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Daniel Handan Triginelli	Faculdade de educação da Universidade Federal de Minas Gerais	FaE/UFMG	Doutorando
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>Pretendemos promover análise teórica acerca das categorias Trabalho e Formação humana na obra Para uma ontologia do ser social de György Lukács. A partir do Trabalho, buscou-se compreender a auto constituição do ser social e sua centralidade, desde o primeiro complexo, em direção a humanização do ser social. A partir do salto ontológico, verifica-se historicamente a concretização das condições e possibilidades ao desenvolvimento dos demais complexos. Através do afastamento das barreiras naturais, Lukács demonstra como a dupla transformação, mediada pelo trabalho no metabolismo do homem com a natureza, se dá na formação material/social/histórica do ser humano, tornando-se a base de toda sua práxis social. Para alcançar tais objetivos, utilizou-se os procedimentos de leitura e análise imanente. Neste sentido, estes procedimentos promovem pesquisas objetivando-se alcançar a gênese e o telos do objeto social em sua historicidade.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Trabalho; Formação Humana; Ser Social.			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>We intend to promote a theoretical analysis concerning the categories work and human formation in the book <i>Ontology of Social Being</i>, written by György Lukács. Through the work, we sought to understand the self-constitution of the social being and its centrality, starting from the first complex, toward the humanization of the social being. Through the ontological leap, the concretization of the conditions and possibilities of development of the others complex is historically verified. Removing the natural barriers, Lukács demonstrates how the double transformation, mediated by work of the man's metabolism with nature, occurs by means of the material/social/historical human being formation, which becomes the basis of all social praxis. To achieve these objectives, we used an immanent analysis. In this sense, these procedures promote researches aiming to achieve the genesis and the telos of the social object in its historicity.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Work; Human Formation; social being.			
EIXO TEMÁTICO			
Educação, classe e luta de classes			

## 1) Marx e a centralidade do trabalho na auto constituição do ser social

Em relação a centralidade do trabalho na obra marxiana, atualmente, parece existir, em certa medida, um frágil consenso (quando existe) nos ciclos que se debruçam em realizar estudos a partir do legado do filósofo alemão. Todavia, essa centralidade da categoria trabalho hoje, ainda não é unanime, como outrora já não o fora. Neste sentido, cabe enaltecer os estudos a partir da apreensão e compreensão teórica realizados por György Lukács nessa direção. É sabido que o autor citado tem, em sua biografia, momentos marcantes no seu desenvolvimento intelectual, o que o torna um autor complexo e deixa esse percurso com trechos importantes e extremamente difíceis de serem percorridos. Não cabe aqui discutir os caminhos que esse autor percorreu até sua maturidade marxista. Muito menos, construir argumentos ou desconstruir argumentos contra e daqueles que rejeitam a centralidade da categoria trabalho em Marx. Nosso objetivo se resguarda na reafirmação propositiva da condição fundamental do trabalho no processo de formação humana. Por isso, nesse estudo, nos propomos a examinar a decisiva apreensão e compreensão da obra marxiana nos textos do próprio Marx e na imanente reorientação promovida por Lukács, no que diz respeito a centralidade do trabalho como categoria ontológica fundante e central no processo de auto constituição e desenvolvimento do ser social.

Lukács, após sua chegada a Moscou na década de 30 do século passado, foi designado a trabalhar no Instituto Marx-Engels junto a Riazanov. Nesse período, desempenhou a tarefa de organização dos textos de Marx. Consequentemente, Lukács tem contato com obras inéditas do autor, em especial, destacamos os *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Esse texto, desferiu forte impacto no pensamento do filósofo húngaro, nele, a partir da leitura imanente, Lukács apreende e compreende o fio condutor da filosofia de Marx, que este inicia em sua juventude e o aprofunda no decorrer de seu desenvolvimento. Apesar de não existir

nele nenhum tratamento autônomo de problemas ontológicos; ele jamais se preocupa em determinar o lugar desses problemas no pensamento, em defini-los com relação à teoria do conhecimento, à lógica etc. de modo sistemático ou sistematizante (LUKÁCS; 2012; 281).

Isso quer dizer que, como o autor demonstra no capítulo *Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*, em sua obra de maturidade *Para uma ontologia do ser social*, o pensamento marxiano não sofre qualquer ruptura entre sua fase inicial (juventude) e sua fase madura. Lukács demonstra que, desde a carta de Marx ao seu pai justificando as razões que o levará a cursar filosofia e não direito, está presente a questão central que inquieta o filósofo alemão, que seja: de

como o homem se torna homem. Ou dito de outra forma, de como do ser natural, do ser orgânico se dá e desenvolve o ser social.

Neste sentido, Marx identifica que o homem para se constituir enquanto ser que se põe no mundo, depende de uma relação transformadora e eterna com a natureza. Que no ato de transformar as coisas existentes na realidade em sua forma natural, em coisas qualitativamente novas e com valor de uso para a satisfação de suas necessidades imediatas, esse ser transforma a si mesmo e sua condição de existência. Contudo, esta relação de dupla transformação, somente se realiza mediada por uma categoria, uma inflexão decisiva, posta por Marx, na história da filosofia: o trabalho. Somente o ser que trabalha é capaz de transformar a natureza e com isso a si mesmo, o que o eleva, no decorrer do desenvolvimento histórico, a condição de alterar sua forma de vida e existência. Nesse sentido diz Marx:

Pois primeiramente o trabalho, a *atividade vital*, a *vida produtiva* mesma aparece ao homem apenas como *meio* para a satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. A vida produtiva é, porém, a vida genérica. É a vida engendradora de vida. No modo (*Art*) da atividade vital encontra-se o caráter inteiro de uma species, seu caráter genérico, e a atividade consciente livre e o caráter genérico do homem. A vida mesmo aparece como *meio de vida* (MARX; 2009; 84).

Desta forma, é possível compreender que do trabalho e seus resultados reais, o ser afasta-se das barreiras naturais que o limita e constitui uma realidade cada vez mais histórica, social e humana. É com as transformações postas pelo e no trabalho que o homem proporciona a formação humana e faz história. A partir das possibilidades existentes na realidade, posta em sua condição primária, se oferecem as possibilidades de conhecer suas propriedades e transforma-las. Ou seja, o conhecer está na materialidade concreta existente nas possibilidades efetivamente postas pela realidade. O que a ideia é capaz de produzir, é a organização epistemológica desse acúmulo da prática material, real ao longo da história. Dessa maneira Marx e Engels superam o idealismo e lançam as bases do materialismo histórico ao afirmarem que:

Os pressupostos de que partimos não são arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais, de que só se pode abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aqueles por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação. Esses pressupostos são, portanto, constatáveis por via puramente empíricas (MARX, ENGELS; 2007; 86-7).

Nas teses Ad Feuerbach, os autores demonstram, para além dos equívocos presentes na filosofia idealista, a ausência, ora de história, ora de materialidade em Feuerbach, ou seja, os limites do materialismo deste. Ao mesmo tempo em que reafirmam e demonstram a centralidade do trabalho no processo de auto constituição ou formação humana e sua eterna e insuperável necessidade para a manutenção e reprodução da existência humana em sua constituição material e histórica. Dizem os autores:

Na medida em que Feurbach é materialista, nele não se encontra a história, e na medida em que toma em consideração a história ele não é materialista. Nele, materialismo e história divergem completamente, o que aliás se explica pelo que dissemos até aqui. Em relação aos alemães, que se consideram isentos de pressupostos [*Voraussetzungslosen*], devemos começar por constatar o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos (MARX, ENGELS; 2007, 32-3).

Já em sua obra máxima ou, como alguns gostam de intitular, obra de maturidade de Marx, *O capital*, o filósofo alemão reafirma sua base filosófica materialista ontológica, o que o afasta de qualquer concepção economicista como por muitos é rotulado, da centralidade do trabalho no processo de formação humana. Ele o faz ao reafirmar que o homem se realiza pelo trabalho, mediando a relação eterna entre os homens e a natureza. Nesse sentido, para executá-lo, ele primeiro o planeja no plano ideal, todavia, esse projeto na cabeça, não passa de subjetividade não posta. Para existir e constituir algo qualitativamente novo em relação a natureza é preciso que o homem, em um processo contínuo e inseparável, se efetive e objetive na realidade o que já existe teleologicamente em sua ideia. Isto só é possível, quando o ser se coloca a trabalhar, e a transformar pelo trabalho a coisa natural em coisa necessária à sua existência. Ou seja, uma atividade com um fim, uma finalidade posta no plano do real. Isso quer dizer, a soma do esforço físico do ser praticado por seus membros corporais somado ao intelecto. Como resultado, se chega a produção de algo que tem como característica uma finalidade útil ao homem, um valor de uso. Isto é o que difere

o humano de todas as demais espécies naturais, isso é o que possibilita o homem a continuamente produzir história e construir o seu próprio mundo. Sobre isso nos diz Marx:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre homens e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. Afim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. Não se trata, aqui, das primeiras formas instintivas, animais [ *tierartig* ], do trabalho. Um incomensurável intervalo de tempo separa o estágio em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho daquele em que o trabalho humano ainda não se desvencilhou de sua forma instintiva. Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração de forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar a sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, a atividade laboral exige a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção do trabalhador durante a realização de sua tarefa, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo seu próprio conteúdo e pelo modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos este último usufrui dele como jogo de suas próprias forças físicas e mentais. (MARX; 2013; 255-6).

A partir destas abordagens marxiana é possível apreender e compreender a potência daquilo que Lukács expôs e denominou de *Renascimento do Marxismo*. Ou seja, ele lança luz sobre o fio condutor da filosofia elaborada pelo filósofo alemão, filosofia pautada sobre as bases de uma

ontologia do ser social na obra marxiana. Como se observou, Marx, ao longo de todas as etapas que compõe sua produção teórica, sempre se manteve nas solidas bases ontológicas por ele desenvolvida, por essa inflexão por ele posta na filosofia: uma ontologia do trabalho. Ou seja, o trabalho como mediação na eterna relação de dupla transformação do homem com a natureza, a categoria que funda o ser social. Ao mesmo tempo em que ela é fundante é, também, a categoria central que possibilita todo o desenvolvimento material/histórico que se estabelece ao longo da história em suas relações mais complexas com a realidade social. Isso quer dizer que: ela cria, a partir da concretude existente no mundo e das relações consequentes desse desenvolvimento que se dá em torno da produção, as condições adequadas de vida e reprodução da sua própria existência.

## **2) Trabalho e formação humana na Ontologia do Ser Social de György Lukács**

Lukács, com os estudos imanentes desenvolvidos da obra marxiana, em especial, a partir da década de 30 do século passado, quando toma contato com os textos inéditos no Instituto Marx-Engels em Moscou, nos oferece três importantes contribuições para se repensar os caminhos tomados pelo movimento comunista de sua época e para uma reapreensão e recompreensão da obra do filósofo alemão. São elas: 1) A problematização da centralidade do trabalho orgânico e inorgânico que resulta na contraposição entre história social e história natural, ou seja: trata-se aqui da objetivação do ser social no mundo e a consequente socialização da natureza a partir do trabalho; 2) A questão da teoria do conhecimento envolvendo a problematização da epistemologia e ontologia. Sobre isso, ele lança luz, a partir de Marx, do fato de o conhecer não ser produto da mente, do intelecto, da ideia, mas ao contrário, ele está nas coisas concretas existentes na realidade. Para se conhecer é preciso apreender as propriedades existentes nas coisas, permitir que elas se mostrem de formas que possamos capturar e organizar epistemologicamente aquilo que existe em realidade. Isso quer dizer que o momento epistemológico é um momento fundamental no processo de conhecer, contudo, ele somente pode se efetivar, subordinado ao momento primário, o momento ontológico; 3) A problematização da política em Marx. Para Lukács, o filósofo alemão não descarta em momento algum a importância da política, todavia, ela deve ser superada para que possamos efetivamente alcançar a autêntica liberdade humana. É o que Marx expõe em *Sobre a questão judaica*: a necessidade de a revolução política ter alma social.

### **2.1) A teleologia do trabalho**

Apesar da riqueza que Lukács nos oferece em sua proposta de reapreensão e recompreensão de Marx, nos deteremos neste estudo apenas ao ponto um, que seja: a centralidade

do trabalho no processo de formação humana. Para o filósofo húngaro, a obra marxiana não deixa dúvidas em relação a centralidade do trabalho como a categoria fundamental que torna possível a produção e reprodução da vida humana. Essa, é a atividade primeira, necessária, natural e eterna do homem com a natureza, nesse sentido, o trabalho é a relação, mediação concreta que proporciona a ação do homem em objetivar-se e pôr-se no mundo. É por essa mediação que o homem avança em seu domínio sobre o natural e cria sua possibilidade de emancipação em relação as suas necessidades naturais. Mesmo que essa emancipação, ao entendimento de Lukács, não seja total, integral, pois ela em suas bases mais longínquas, sempre estará presente. É por meio do trabalho que o ser se objetiva no mundo e que se auto constitui enquanto ser objetivo, ser social.

O aspecto positivo do trabalho está em si, no fato de o produtor entrar em contato com o resultado de sua objetivação. Nesse sentido, representa dizer que o produtor tira de si, se objetiva, se aliena na realidade, no mundo. Essa objetivação é algo qualitativamente novo em relação ao natural e, a partir dele, outros complexos (linguagem, ideologia são exemplos) são passíveis de surgimento como elementos da condição social que vai se estabelecendo historicamente ao longo do processo. Esse processo culmina na sociedade organizada pelos parâmetros da propriedade privada dos meios de produção, modelo ao qual, é a dimensão do estranhamento que se sobrepõe e inverte o caráter positivo do trabalho.

Ao citar a passagem de Marx em *O Capital*, onde o filósofo apresenta o processo de trabalho em sua totalidade em três momentos: “Os momentos simples do processo de trabalho são, em primeiro lugar, a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; em segundo lugar, seu objeto e, em terceiro, seus meios (MARX; 2013; 256). No aspecto primeiro, Marx, conforme elucida Lukács, está apresentado a teleologia humana, a capacidade de o homem agir em direção ao pôr como finalidade. Nesse sentido,

a teleologia, em sua essência, é uma categoria posta: todo processo teleológico implica o pôr de um fim e, portanto, numa consciência que põe fins. Pôr, nesse contexto, não significa, portanto, um mero elevar-à-consciência, como acontece com outras categorias e especialmente com a causalidade; ao contrário, aqui, com o ato de pôr, a consciência dá início a um processo real, exatamente ao processo teleológico. Assim, o pôr tem, nesse caso, um caráter irrevogavelmente ontológico (LUKÁCS; 2013; 48).

Dito isto, o pôr teleológico representa uma ruptura com o processo natural de desenvolvimento, pois estando presente no ato de trabalhar é algo qualitativamente novo e diferente

em relação ao natural, pois apresenta uma intencionalidade. Ou seja, uma elaboração ideal que se objetiva, tendo em si, uma intencionalidade.

Neste sentido, o trabalho se torna todo o modelo da práxis social humana, pois o pôr teleológico reúne um conjunto de conhecimentos sobre os nexos causais presentes em situações cotidianas. Lukács, ao identificar isso, estabelece debate com toda a filosofia externa e interna ao marxismo, já que Marx submeteu a possibilidade da teleologia existir, apenas no interior do ato de trabalho. Outras correntes filosóficas, mesmo identificando a teleologia, sempre a elevaram a condição de movedora da realidade, seja a concepção religiosa criando um ser consciente (Deus) que rege todas as coisas, ou filosofias mais maduras e consistentes como as de Aristóteles e Hegel, em especial este último, ao eleger a teleologia como motor da história. Esses equívocos estão relacionados a negação do acaso e a necessidade contínua de se atribuir um sentido à vida. A esse respeito, diz Lukács:

Não é, pois, de modo algum surpreendente que grandes pensadores fortemente orientados para a existência social, como Aristóteles e Hegel, tenham apreendido com toda a clareza o caráter teleológico do trabalho. Tanto é assim que suas análises estruturais precisam apenas ser ligeiramente complementadas e não necessitam de nenhuma correção de fundo para manter ainda hoje sua validade. O verdadeiro problema ontológico, porém, é que o tipo de pôr teleológico não foi entendido – nem por Aristóteles nem por Hegel – como algo limitado ao trabalho (ou mesmo, num sentido ampliado, mas ainda legítimo, à práxis humana em geral) (LUKÁCS; 2013; 47).

Sobre o acaso, Lukács procura demonstrar como essa é uma questão cara a filosofia desde a filosofia clássica com Aristóteles. Por esta razão, ele apresenta a relevância da questão envolvendo a relação entre teleologia e causalidade. “Aristóteles distingue, no trabalho, dois componentes: o pensar (*nóesis*) e o produzir (*poíesis*). Através do segundo o fim chega à sua realização” (LUKÁCS; 2013; 52-3). Aristóteles já demonstrava a necessidade em conhecer a causalidade postas pela realidade, todavia encontrava problemas no desenvolvimento dessa tese no que se refere as causalidades é os fins para ação. Hartmann aprofunda e complementa a tese aristotélica apresentando a necessidade de divisão, no interior do pôr teleológico, entre o pôr dos fins e a necessidade de investigação dos meios para se alcançar o fim pretendido pelo pôr

Com efeito, tal essência consiste nisso: um projeto ideal alcança a realização material, o pôr pensado de um fim transforma a realidade material, insere na realidade algo material que, no confronto com a natureza, representa algo de qualitativamente e radicalmente novo. [...] Nesse sentido, podemos dizer que

Aristóteles foi o primeiro a reconhecer, do ponto de vista ontológico, o caráter dessa objetividade, inconcebível partindo da “lógica” da natureza (LUKÁCS; 2013; 53).

Dessa forma, para se alcançar o fim, conhecer as causalidades é tarefa fundamental. A partir da generalização desse procedimento, Lukács chama atenção, de neste processo, estar localizada a gênese da ciência. Por essa razão, Lukács, ao tratar da relação entre ciência e trabalho, demonstra como a ciência é uma consequência da generalização do conhecimento produzido, adquirido no processo de trabalho, isso sendo possível, através da investigação dos meios.

Desse processo, Lukács chama atenção para o desenvolvimento da consciência neste contínuo percurso de auto constituição da formação humana. Lukács ressalta, que somente o ser que trabalha e pelo seu ato de trabalho, produz conhecimento e transforma o natural. Somente ele é capaz de constituir consciência sobre as coisas e situações que o cercam, pois é o único ser capaz de superar a simples adaptação ao meio. “A realização como categoria da forma de ser mostra, ao mesmo tempo, uma importante consequência: a consciência humana, com o trabalho, deixa de ser, em sentido ontológico, um epifenômeno” (LUKÁCS; 2013; 62). Dessa consciência, se estabelece a categoria alternativa e através dela, se põe o momento de decisão da consciência, o humano passa a se afastar da condição natural e dos demais animais da natureza pela sua possibilidade e capacidade de decisão.

Somente no trabalho, no pôr do fim e de seus meios, com um ato dirigido por ela mesma, com o pôr teleológico, a consciência ultrapassa a simples adaptação ao ambiente – o que é comum também àquelas atividades dos animais que transformam objetivamente a natureza de modo involuntário – e executa na própria natureza modificações que, para os animais, seriam impossíveis e até mesmo inconcebíveis (LUKÁCS; 2013; 63).

E continua:

A peculiaridade da alternativa aparece ainda mais plasticamente num nível um pouco mais desenvolvido, isto é, não só quando a pedra é escolhida e usada como instrumento de trabalho, mas, em vez disso, para que se torne um melhor meio de trabalho, é submetida a um ulterior processo de elaboração (LUKÁCS; 2013; 71).

Como consequência dessa capacidade, está posta o germe da liberdade e possibilidade de emancipação humana. Apesar de Lukács ressaltar que:

Deve-se sublinhar ainda, aqui, que esse ente, no trabalho, é sempre algo natural e que essa sua constituição natural jamais pode ser inteiramente suprimida. Por mais relevantes que sejam os efeitos transformadores do pôr teleológico das causalidades no processo de trabalho, a barreira natural só poderá retroceder, jamais desaparecer inteiramente; isso é válido tanto para o machado de pedra quanto para o reator atômico (LUKÁCS; 2013; 73).

E conclui afirmando que:

com isso expusemos apenas um lado da alternativa. Por mais precisa que seja a definição de um campo respectivo, não se elimina a circunstância de que no ato de alternativa está presente o momento de decisão, de escolha, e que o “lugar” e o órgão de tal decisão sejam a consciência humana; e é exatamente essa função ontologicamente real que retira, do caráter de epifenômeno em que se encontravam, as formas da consciência animal totalmente condicionadas pela biologia. Por isso, em certo sentido, poder-se-ia falar do germe ontológico da liberdade, liberdade que cumpriu e ainda cumpre um papel tão importante nas disputas filosóficas acerca do homem e da sociedade (LUKÁCS; 2013; 77)

O conjunto aqui apresentado, permite Lukács a legitimar a auto constituição do ser social pelo ato de trabalho no autêntico devir ser do homem ao homem.

## **2.2) Trabalho: modelo de toda a práxis social**

O trabalho é a categoria que permeia os principais traços do ser social, neste aspecto, Lukács ao apresentar o pôr teleológico como realizável apenas na atividade de trabalho, demonstrou como neles “já estão contidos *in nuce*”, tanto em suas formas gerais como decisivas, “problemas que em estágios superiores do desenvolvimento humano se apresentam de forma mais, generalizada, desmaterializada, sutil e abstrata e que por isso aparecem depois como os temas centrais da filosofia” (LUKÁCS; 2013; 82-3).

Neste processo, Lukács expões o surgimento do pôr teleológico secundário, que seja a capacidade de convencimento de um homem ou um coletivo de homens por outros homens a desenvolverem trabalhos traçados de forma externa a eles.

Esse problema aparece logo que o trabalho se torna social, no sentido de que depende de cooperação de mais pessoas, independente do fato de que já esteja

presente o problema do valor de troca ou a cooperação tenha apenas como objetivo os valores de uso. Por isso, esta segunda forma de pôr teleológico, no qual o fim posto é imediatamente um pôr do fim por outros homens, já pode existir em estágios muito iniciais (LUKÁCS; 2013; 83).

A partir do desenvolvimento do trabalho e das subsequentes formações sociais, os homens passam, não de forma mecânica, mas de maneira simultânea a desenvolver outras categorias fundamentais ao ser, como a linguagem e pensamento. Estas, são necessárias a estruturação da vida social produtiva, e já são categorias inteiramente sociais, pois, o homem que comunica, precisa comunicar sobre algo. Isto, mantém a prioridade ontológica do trabalho e não altera, em nenhum momento, sua condição de categoria central no processo de desenvolvimento da vida social. “É por isso que julgamos correto ver no trabalho o modelo de toda a práxis social, de qualquer conduta social ativa” (LUKÁCS; 2013; 83).

Sobre outra perspectiva, Lukács, retoma o problema entre teleologia e causalidade e apresenta o conhecimento contemplativo (o desenvolvimento de teoria) como produto do processo da teleologia no aspecto universal. Para isso, Lukács retoma o debate entre trabalho e ciência, com isso, ele lança luz a necessidade de o conhecimento romper as fronteiras da concepção matemática e tenta transpor o campo meramente ideológico, ou seja, ele confronta a posição neopositivista em sua consideração de a prática ser o único critério da ciência.

A essa forma de captar a essência do processo ontológico pelo qual o homem passa da condição de ser biológico ao ser social é o nó que as filosofias idealistas não foram capazes de desatar. Pois se mostraram incapaz de apreender e compreender as relações ontológicas originárias, o que conduziu esse pensamento a se estruturar “metodologicamente, em última análise, no fato de se contentar em analisar, em termos gnosiológicos ou lógicos”, se detendo a tomar somente as “categorias mais desenvolvidas, mais espiritualizadas, mais sutis” (LUKÁCS; 2013; 100). Por outro lado, se ignorou os complexos originários que possibilitam se alcançar a gênese ontológica, “desse modo, são apenas consideradas as formas de práxis social que se acham mais afastadas do metabolismo da sociedade com a natureza” (LUKÁCS; 2013; 100), fato esse, que desvia completamente a atenção às mediações, que guardam em si alto nível de complexidade, e mediam a vinculação entre o momento originário e o momento mais desenvolvido. Da mesma forma, nesse percurso, ocorre a construção de antíteses entre esses momentos. Como efeito, se tem nas abordagens idealistas, no que concerne a esse problema, o desaparecimento em sua totalidade das especificidades do ser. O que se coloca no lugar, é uma construção artificial é “uma esfera desprovidas de raízes do dever-ser (do valor)” (LUKÁCS; 2013; 100) que na sequência dessas elaborações, é confrontada a uma forma de puramente natural do homem.

Em oposição a essa forma de apreender e compreender a realidade do ser social, apresenta-se o materialismo vulgar, que, apesar de se opor as formas idealista, incorre no erro de simplesmente ignorar o papel do dever-ser no ser social e procurar interpretar toda essa esfera segundo o modelo de pura necessidade natural. Isso contribui muito para confundir esse complexo de problemas ao produzir, nos dois polos, uma fechitização dos fenômenos contraposta quanto ao conteúdo e ao método, mas de fato vinculadas entre si (LUKÁCS; 2013; 100).

Lukács entende que para se “compreender bem a gênese inquestionável, segundo nosso modo de ver, do dever-ser a partir da essência teleológica do trabalho”, é necessário retornar ao que já foi exposto sobre o próprio trabalho enquanto modelo de toda a práxis social, “ou seja, que entre o modelo e as suas sucessivas e mais complexas variantes há uma relação de identidade de identidade e não identidade”. Isso demonstra que na essência ontológica do dever-ser no trabalho, com certeza o homem que se põe a trabalhar não apenas determina à sua maneira de se comportar nessa atividade, como também, a sua forma de comportar-se no que se refere ao seu-em-si como sujeito que atua no interior do ato de trabalhar. Esse, no entanto, é o momento em que se consolida o metabolismo envolvendo o homem e a natureza. O complexo envolvendo a realização do pôr do fim (objeto), da elaboração e utilização dos meios para se alcançar o primeiro, influem de maneira determinista na constituição da essência que coloca o comportamento humano em patamares subjetivos. “E, sem dúvida, também do ponto de vista do sujeito um trabalho só pode ter êxito quando realizado com base numa intensa objetividade, e desse modo a subjetividade, nesse processo, tem que desempenhar um papel produtivamente auxiliar”. Isto não elimina, ou quer dizer, que as qualidades e capacidades do sujeito não exerçam influência importante quando o homem está imerso no processo de trabalho tanto de forma “intensiva como extensivamente”. Todavia, não se pode retirar do horizonte o fato de que “todas as capacidades do homem que são mobilizadas são sempre orientadas, essencialmente, para o exterior, para a dominação fática e transformação material do objeto natural através do trabalho”. Este é o momento, que se verifica pela primeira vez no trabalho, o autodomínio do homem possibilitado através do dever-ser, isso o permite apreender com mais clareza que a “sua compreensão sobre as suas inclinações e hábitos etc. espontaneamente biológicos são regulados e orientados pela objetividade desse processo”. Esta condição, a partir de sua essência, se constitui através da existência natural do objeto, dos meios desenvolvidos para se alcançar os fins postos, etc. no interior do processo de trabalho. “Se quisermos conceber corretamente o lado do dever-ser que, no trabalho, age sobre o sujeito, modificando-o, é preciso partir dessa objetividade como reguladora ((LUKÁCS; 2013; 104).

No caso de que os fins teleológicos traçados tenham por objetivo influenciar outros homens a realizarem o pôr, “a subjetividade de quem põe adquire um papel qualitativamente diferente”, o que implica, que ao final desse processo, as relações sociais entre os homens sofrem uma

autotransformação do homem que trabalha já que estas se tornam “um objeto imediato de pores teleológicos, cujo caráter é um dever-ser. Naturalmente, esse pores não se diferenciam apenas qualitativamente daquelas formas de dever-ser que contamos no processo de trabalho”. Contudo, Lukács ressalta que as diferenças qualitativas aqui expressas, não deveriam, como ocorre no pensamento idealista, lógico e gnosiológico, ocultar o “fato fundamental como de que se trata, em todos os casos, de relações do dever-ser, de atos nos quais não é o passado, na sua espontânea causalidade, que determina o presente, mas ao contrário, é a tarefa do futuro, teleologicamente posta o princípio determinante da práxis social” (LUKÁCS; 2013; 105).

### **2.3) A relação “sujeito objeto” no trabalho e suas consequências**

Retomando categorias essências ao ser, Lukács demonstra o afastamento do sujeito do objeto com a criação da linguagem. Por exemplo, a linguagem, nesse caso, se difere da identificada nos outros animais pela capacidade de se dizer algo a alguém sobre um determinado objeto, essa comunicação tem em si uma carga sobre o acúmulo da vida social. Ao trabalhar o homem modifica sua natureza e constitui o domínio consciente de si mesmo. Isto, é o que Lukács considera uma consciência verdadeiramente humana. Isso quer dizer que não se trata de não um epifenômeno biológico como nas demais espécies da natureza, mas já uma condição humana/social. Lukács rebate a confusão idealista em torno da independência da consciência e da alma em relação ao corpo. Essa confusão está posta na polemica entre os níveis ontológico e axiológico e provem da necessidade em se atribuir sentido à vida, que conforme o autor não tem sentido, ou melhor dizendo, está sobre as condições existentes no acaso. Novamente a questão da liberdade pela capacidade de decisão aparece como resposta a tese idealista e compreensão adequada da realidade humana.

Para Lukács, as formas pré-marxianas de apreensão e compreensão da liberdade não dão conta da complexidade que o tema envolve. Isso está relacionado a forma de compreensão entre necessidade e liberdade. Que no campo do idealismo, tem sua essência distorcida na incompreensão em torno da submissão da teleologia como um momento fundamental para o trabalho e mediação que conduz o ser. Para os idealistas, essa possibilidade está na ideia, na razão humana. O que eles não apreendem e compreendem, é que esse momento fundamental, está posta na concretude da realidade, dessa maneira, se torna social a sua condição de dominar cada vez mais as forças da natureza a partir do conhecimento que constrói na realidade em transformação pelo ato de trabalho, de objetivação, pelo ato de se pôr no mundo do ser social. Ao contrário, no caso idealista, a teleologia é generalizada como motor da natureza ou da história e cria um obstáculo, uma cegueira, como chama Hegel em relação a realidade como campo concreto da realização do pôr e da dupla

transformação que conduz a possibilidade de alcance da liberdade pelo acúmulo de conhecimento das leis da natureza e a “possibilidade proporcionada por ele de fazer com que elas atuem, conforme um plano, em função de determinados fins” (ENGELS *apud* LUKÁCS; 2013; 145).

### **3) Considerações finais**

A partir do estudo por hora apresentado, e da bibliografia analisada, duas são as conclusões que podemos apresentar como resultados: Em primeiro lugar, não queremos polemizar com ou contra aqueles que não reconhecem a categoria trabalho como fundante do ser social e central em seu processo de desenvolvimento material/histórico. Contudo, como foi demonstrado a partir da análise e exposição de textos marxianos, essa categoria é apresentada como central no processo de investigação e conclusão do filósofo alemão em sua inquietação em compreender, a partir da materialidade histórica, o processo de humanização do ser social.

Pela imanência do tratamento dado por Lukács as obras de Marx, o filósofo húngaro identifica a inflexão realizada pela filosofia marxiana na história da filosofia. Ou seja, a colocação da cunha do trabalho na ontologia do ser elaborada na antiguidade pela filosofia Aristóteles. A partir disto, ele localiza, em seu contexto históricos, equívocos acerca da apreensão e compreensão da obra marxiana, o que o leva a travar um denso debate com as correntes marxistas e não marxistas de seu tempo. Debate que o leva a demonstrar, os equívocos presentes nas filosofias anteriores e posteriores a marxiana e, com isto, comprovar e reafirmar as teses teóricas de Marx. O efeito disto, é conhecido historicamente, e não é nosso objetivo tratar a questão. Importa-nos o convite realizado por Lukács no sentido de reaprender e recompreender Marx na gênese de sua filosofia e ciência. Isto quer dizer, apreender e compreender a minuciosa investigação filosófica/histórica que permitiu Marx explicitar em minúcias a realidade histórica do capitalismo, alcançada e construída pela humanidade. Assim como, perceber a não eternidade dessa forma de organização social e a real possibilidade de a humanidade transitar para um estágio superior de existência ao longo de seu processo de desenvolvimento material/histórico. Que seja: deixar a pré-história e adentrar a autêntica história humana a partir da emancipação da subordinação do trabalho ao capital.

Neste sentido, ao longo de todo o seu percurso intelectual, Marx procura demonstrar como o ser social se funda no e pelo trabalho e como no desenvolvimento histórico dessa categoria está contida a gênese da emancipação humana, conforme avança o domínio do homem da natureza externa a si, e conseqüentemente, ocorre o afastamento das barreiras naturais que limitam o homem de sua condição emancipada. Dessa maneira, o trabalho se torna o modelo de toda a

práxis social. Da mesma forma, a emancipação do trabalho de seu aspecto negativo, é condição decisiva para se alcançar a plena possibilidade em alcançar o reino da liberdade.

Em segundo lugar, é fundamental ressaltar a importância da apreensão e compreensão imanente de Lukács em torno da obra marxiana. O filósofo húngaro demonstra, o quanto importante é o retorno a Marx como forma, de para além de reorientar toda a estrutura dos marxismos, possibilitar avanços no sentido de rumar em direção ao reino da liberdade. Contudo, Lukács não cria nada de novo, ele, tão somente, explicita o que está contido desde os primeiros textos marxianos. Ou seja, apresenta elementos que, pelas mais diversas razões históricas, não foram apreendidos ou entendidos, ou foram somente negligenciados em determinados contextos. Com isso, ele supera a dualidade errônea em torno da questão do jovem Marx e do Marx maduro. O que Lukács faz é apresentar a imanência da obra do filósofo alemão e sua radicalidade inovadora na história da filosofia.

Este é um ponto também polemico, já que muitos lukácsianos reivindicam para Lukács a ontologia do ser social. Todavia, como pode ser constatado na obra marxiana, essa é uma elaboração de Marx, ou trata-se da inflexão que ele deferiu na história da filosofia. É mérito de Lukács, e isso não é pouca coisa, ter identificado toda a potencialidade que envolve a teoria social marxiana e ter apresentado esse feito de Marx. Em sua obra *Para uma ontologia do ser social* o autor realiza, embasado, principalmente, em Marx, a concretude dessa apreensão e compreensão da realidade humana em seu percurso material/histórico. Sendo assim, ele estabelece acerto de contas com toda a filosofia e defere forte crítica aos marxismos, em especial o russo.

Voltando a Marx, Lukács recentraliza no trabalho a auto constituição do ser, a centralidade do trabalho no processo de desenvolvimento do ser social (e os posterior desenvolvimento, a partir do complexo do trabalho, dos complexos de complexos, assim, eleva o trabalho, como modelo de toda a práxis social) e demonstra a urgência da tarefa histórica em emancipar o trabalho de sua atual condição de submissão ao capital, como meio e caminho em direção a autêntica emancipação humana. Isto quer dizer, ele aprofunda a compreensão de como uma determinada espécie, em algum momento da história natural, alcança a condição qualitativamente nova de trabalhar. Ou seja, a espécie capaz de realizar o salto ontológico do ser orgânico ao inorgânico. Esse ser qualitativamente novo, ao trabalhar se objetiva no mundo, transforma a natureza e a si mesmo. Essa dupla transformação possibilita o desenvolvimento de novas categorias sociais e complexos que a humanidade se utiliza para dominar as forças da natureza e construir seu mundo, nesse movimento o homem produz história, se torna um ser material/histórico, se humaniza.

A Lukács, devemos conferir a grandeza de identificar e reconhecer essa superioridade, ou seja, a centralidade do trabalho no processo de formação humana, tão bem expressada e explicitada por ele, presente e desenvolvida na obra do filósofo alemão Karl Marx.

#### **4) Bibliografia**

LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social I*. Tradução, Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. 1ª edição. São Paulo/SP: Ed. Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social II*. Tradução, Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. 1ª edição. São Paulo/SP: Ed. Boitempo, 2013.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. Tradução, Rubens Enderle. São Paulo/SP: Ed. Boitempo, 2013.

MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. Tradução Nélio Schneider, [tradução de Daniel Bebsaid, Wanda Caldeira Brant]. São Paulo/SP: Ed. Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Supervisão editorial, Marcelo Backes. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo/SP, Ed. Boitempo, 2009.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Supervisão editorial, Leandro Konder; tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo/SP: Ed. Boitempo, 2007.